VISÃO DO CORREIO

Encontro trilateral oficializa nova era

Ao longo de quatro décadas de Guerra Fria, na segunda metade do século passado, o mundo se acostumou a esperar decisões cruciais dos encontros bilaterais entre os governantes dos Estados Unidos e da União Soviética. Em particular, então, as discussões se concentravam na missão de conter a corrida armamentista nuclear: cada vez que as duas superpotências vencedoras da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) decidiam sobre um limite para os respectivos arsenais atômicos, o mundo podia respirar com algum alívio.

O fim da URSS, em 1991, não deu lugar, propriamente, a um mundo mais seguro. A Rússia, herdeira do império soviético, seguiu sendo a contraparte militar a um exercício de hegemonia global ensaiado pelos EUA nos governos de George Bush pai e filho. Um fator novo, porém, se interpôs aos planos traçados em Washington: a ascensão econômica irresistível da China comunista, com desdobramentos nas esferas político-diplomáticas e, naturalmente, no jogo de forças militares propriamente ditas.

É essa nova realidade que estará em cena no encontro trilateral da manhã de hoje, na cidade chinesa de Shenzhen, entre o anfitrião, Xi Jinping, e os colegas Donald Trump e Vladimir Putin. Em princípio, na pauta, algum tipo de roteiro para encerrar a guerra na Ucrânia, que completa cinco anos em fevereiro. Não é fora de propósito esperar que os três líderes examinem também o conflito iniciado há nove meses por Washington contra o Irã, em parceria com Israel.

Em relação aos encontros EUA-URSS na Guerra Fria, que cunharam o termo "encontro de cúpula", a reunião entre Trump, Putin e Xi oficializa a entrada do mundo em uma nova era. A ascensão irresistível da China, que já compete com os EUA pela primazia na economia mundial, não é o único fator que condiciona uma nova realidade geopolítica.

Moscou e Pequim são hoje os pilares do Brics, que reúne 11 países representativos do chamado Sul Global — que Putin prefere chamar de "maioria global". Trata-se de um conjunto heterogêneo de economias emergentes, que têm em comum o projeto de ocupar na ordem internacional um lugar correspondente ao peso específico que exercem.

Paralelamente, as três potências são hoje eixos-chaves para a solução de dois conflitos cujo prolongamento agrava os riscos de um terceiro confronto bélico de escala global, com ingredientes mais preocupantes na comparação com os dois do século 20. Notadamente, o fato de que, hoje, ao menos nove países detêm arsenais nucleares.

No que diz respeito à guerra na Ucrânia, a Rússia vem aprofundando e ampliando, ano após ano, uma aliança estratégica com a China. Quanto ao Irã, vem de ser admitido como membro pleno do Brics em 2024. Embora não se trate de um pacto militar, nem indique alguma disposição para vir a tornar-se um, o bloco das economias emergentes aproxima, progressivamente, seus integrantes. Claramente, demarca terreno não apenas com os EUA, mas igualmente com a Europa.

Em resumo, o encontro a três em Shenzhen reúne elementos para ser identificado, com a distância requerida pela história, como uma espécie de marco inaugural de uma nova ordem internacional — ainda que seus traços estejam por definir-se. O nascimento de um novo mundo não costuma ser determinado a priori em alguma data definida: acontecimentos desse porte tendem a firmar seu alcance nos anos seguintes.

Desde já, porém, o que seja dito (ou silenciado) na nova metrópole do sul da China, símbolo da ascensão de um novo ator no cenário geopolítico global, merece atenção máxima de quem estuda o tema e, mais ainda, daqueles que formulam e executam a política externa.



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Menos promessas e mais ações

Com a realização da 2ª Conferência Ministerial Global sobre o Fim da Violência Contra as Crianças, em Manila, o Unicef lançou um chamado para que países assumam compromissos concretos de proteção a meninas e meninos. A entidade defendeu investimentos em políticas destinadas a apoiar mães, pais e cuidadores; tornar as escolas ambientes seguros; proteger crianças no mundo digital; e garantir assistência quando a agressão acontece. "A violência não faz parte da infância. O seu enfrentamento tem um preço. Mas não são as crianças que devem pagá-lo", enfatizou.

Na primeira edição da conferência, há dois anos, em Bogotá, o Brasil assumiu para a comunidade internacional o compromisso de assegurar a proteção de seus meninos e meninas. Prometeu implementar políticas públicas para prevenir e responder às violências. Bem antes, em 2015, o país tornou-se signatário dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU) para serem cumpridos até 2030.

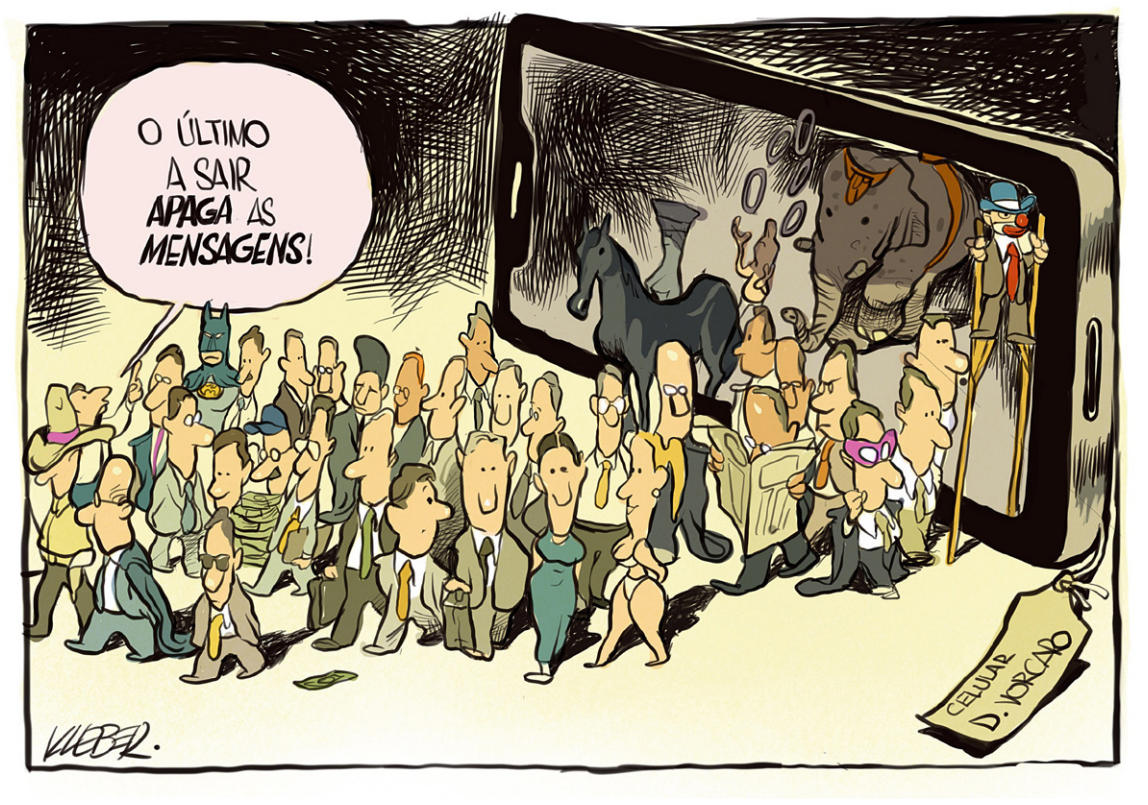
Entre esses ODS, estão o 5.2, que fala em "eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo tráfico, exploração sexual e de outros tipos"; o 5.3, que determina a erradicação de "todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças"; e o 16.2, ressaltando que os governos têm de se empenhar para "acabar com abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra crianças".

Apesar dos pactos firmados tanto aqui quanto lá fora, o Brasil não parece estar nem perto de cumpri-los. O desafio de combater efetivamente as barbáries ainda se mostra hercúleo. Levantamento divulgado em julho pela Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina — com base em dados do Ministério da Saúde —, mostrou que, de 2020 até o ano passado, as denúncias de violência contra meninas e meninos mais que dobraram: de 73.635 para 165.413 registros. O abuso sexual foi a agressão mais frequente, com 34% dos casos, seguido por negligência e abandono, com 33,3%, e violência física, com 32,9%.

Neste ano, de janeiro a abril, o Disque 100, do Ministério dos Direitos Humanos, registrou 115.814 denúncias de violência. A faixa etária mais atingida foi de 4 a 8 anos. Do total de notificações, 32,7 mil se referiam a abusos sexuais, um aumento de 49,48% em relação ao mesmo período de 2025.

Como atestam todos os levantamentos sobre o tema, a maioria das violações ocorrem na casa das vítimas, cometidas por familiares, parentes ou alguém da confiança delas, o que, por óbvio, aumenta a complexidade do problema. Isso, porém, não pode servir de pretexto para negligência do poder público.

Ações de enfrentamento existem, sim, mas não com a dimensão e a efetividade que essa chaga demanda. Portanto, temos de, urgentemente, sair do terreno das promessas e partir para a busca de soluções. Discutir e definir estratégias, elaborar planos e políticas públicas robustas. É fundamental ter em mente, ainda, que proteger crianças e adolescentes significa responsabilizar, com rigor, seus agressores, mas, também, tomar medidas para evitar que a violência aconteça.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Voto distrital

O fenômeno Enéas, nas eleições de 2002, já evidenciava uma distorção do sistema proporcional concebido pela Constituinte de 1987–1988: o avanço do personalismo eleitoral em detrimento da representação de projetos políticos. A lógica desse sistema é assegurar que diferentes correntes de pensamento, inclusive as minoritárias, tenham representação na Câmara dos Deputados. Entretanto, com a complacência das direções partidárias, essa finalidade vem sendo progressivamente enfraquecida. A proposta de adoção do voto distrital, ainda que em um modelo misto, poderá aprofundar esse problema, esvaziando as agendas políticas e aproximando a atuação dos deputados federais de uma representação territorial dos municípios, à semelhança da representação dos estados e do Distrito Federal exercida pelos senadores. Aliás, essa distorção já ocorre, em parte, por meio das famigeradas emendas parlamentares, frequentemente desvinculadas de um projeto nacional de desenvolvimento e utilizadas para atender a interesses municipais. A sociedade civil precisa se mobilizar contra esse retrocesso. Afinal, para parte das direções partidárias, o que parece importar não é a defesa de projetos políticos, mas os recursos financeiros proporcionados pelo número de cadeiras conquistadas na Câmara dos Deputados.

» **Daniel Cunha**
Águas Claras

O papel da família

A pós-modernidade, que tanto seduziu professores brasilianos, passou anos atacando a família tradicional, denunciando-a como retrógada, desvirtuando o próprio significado da palavra, atribuindo-a a qualquer acordo de convivência, vulgarizando o papel do divórcio e da sexualidade feminina e até tentando transferir para o Estado o papel formativo das crianças. A conta chegou, na sala de aula, na forma de alunos rebeldes, desatentos, agressivos e mal-educados. Professores pensam em desistir. A solução familiar é um recurso ineludível no ramo dos mamíferos e, muito mais, na espécie humana, que só sobrevive em sociedade. Apenas a família pode, com amor, com exemplo e com dedicação, formar um ser humano ajustado para o convívio social e evitar que ele se torne um predador. Precisamos conscientizar-nos de que família não é solução facultativa, mas solução estrutural indispensável para viabilizar civilização.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Dupla personalidade? Arrogante e ameaçador somente com a Venezuela, Irã, Ucrânia... No encontro trilateral, Donald Trump será trilegal!

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Governo recua em urgência do PL das Bets para priorizar ajuste fiscal. A tentativa de proibição foi só para enganar trouxa!

Márcio Fontes — Brasília

Se diminuir os juros de verdade, a Faria Lima vai pirar. Eles sobrevivem da especulação financeira.

Laerte Lopes — Brasília

19 de novembro, Dia da Bandeira do Brasil. Celebramos nosso símbolo maior, que representa a unidade, a história e o orgulho da pátria. Que as cores da bandeira sigam nos inspirando a servir o Brasil!

José R.Pinheiro Filho — Asa Norte

Preço do tomate

Concordo que as mudanças climáticas tenham contribuído para a alta no preço do tomate, que, no ano, que ficou 20% mais caro em outubro e disparou quase 90%, segundo o IBGE. O que não entendo é que o aumento do preço não foi só do tomate. Muitos alimentos estão cada dia mais caros, além de muitos produtos e serviços.

» **Lucy Santos**
Brasília

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em *O que a escola ensina sobre igualdade racial*; Márcia de Souza, mestre em ciências sociais e doutoranda em gestão do conhecimento, articula sobre a relação entre a construção democrática do conhecimento nas escolas e o enfrentamento ao racismo. Confira no site do **Correio**.

BLOCO DE NOTAS

O jornalista Carlos Alexandre de Souza comenta a ida do diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, e do ministro da Justiça, Wellington Lima, a uma audiência pública no Senado para falar sobre as suspeitas de interferência política no trabalho de policiais federais.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*